

A FOTOGRAFIA E SUAS DOBRAS

Tania Rivera

O mundo tornado imagem é de imediato perdido. Por isso a fotografia carrega certa melancolia: a imagem é sempre passado. A conquista imaginária do planeta Terra a que os primeiros fotógrafos-viajantes se lançaram, gloriosos, permitia a ilusão de um ganho [de mundo]. Hoje, a viagem da fotografia talvez tenha se tornado um tocante e repetido inventário do que nos resta. Nela seríamos guiados pelo planeta Saturno, que segundo os antigos estaria associado à produção da bile negra que domina o temperamento melancólico.

Saturno é uma dessas viagens do retorno, da perda, mas é também um itinerário de transformação do mundo. Edu Monteiro nela retoma lugares assumidamente íntimos, em uma espécie de busca de si mesmo. De volta ao Sul do país, onde nasceu e passou sua infância, ele percorreu a serra gaúcha e o longo litoral do estado. Às imagens obtidas

nesses itinerários acrescentaram-se fragmentos captados em outras paragens: Paris, Buenos Aires, Ilha Grande, Porto Alegre, Barbados.

Nessa múltipla viagem o fotógrafo não confirma seu lugar no mundo, mas afirma-se fora de si: em determinados recortes do mundo. Em algumas fotografias Edu utiliza um complexo dispositivo concebido por ele mesmo e composto de um espelho circular que lhe cobre o rosto e ao qual se acoplam, em sua face interna, o visor e o disparador remotos de sua câmera fotográfica. Graças a esse aparato, o artista se duplica e divide entre aquele que vê e aquele que é olhado pela câmera. Em parte mimetizado ao ambiente, ele pode então, alternadamente, se confundir com o contexto à sua volta ou dele se destacar, brincando com a distinção entre paisagem e retrato, objeto e sujeito, de modo a afirmar na paisagem e no objeto uma estranha força de autorrepresentação.

Diferente de sua própria imagem, o sujeito surge com força, assim, mesmo nas imagens em que não há espelho nem autorretrato: ele está disseminado em objetos e cenas. A fotografia retoma então toda sua potência alegórica, todo o estranho poder que talvez lhe atribuíssem em seus primeiros tempos: aquele de animar restos e fragmentos variados de mundo.

A fotografia pode retratar cenas do mundo, ou pode, em sua face mais perturbadora, recortar o mundo de maneira fragmentária, sugerindo que ele seria uma enorme e heterogênea colagem, uma colcha de retalhos. A emergência dessa terrível verdade é o motor implícito do surgimento, no início do século XX, do cubismo, do procedimento da colagem dadaísta e de jogos surrealistas como o cadavre

exquis. O acoplamento inesperado de fragmentos denuncia a inexistência de uma garantia última e de sentidos unificados para a linguagem, a imagem e a vida. Mas até hoje pouco se acentuou que na colagem se trata fundamentalmente, diante de tal fragmentação, de buscar a si mesmo – já que o lugar de senhor e centro da representação, da cena, está há muito irremediavelmente perdido.

Em sua face de fragmentação e colagem, a fotografia denuncia que o objeto não se apresenta unitariamente como complemento do sujeito, mas pode ser “encontrado” (no objet trouvé), apropriado ou associado a outros objetos e elementos de modo a dar notícias do próprio sujeito. Os surrealistas foram, sem dúvida, aqueles que mais claramente apontaram para este fato, explícito na bela proposta de André Breton: “nada que nos cerca nos é objeto, tudo que nos cerca nos é sujeito”.

Nessa frase, o poeta brinca com a dupla acepção do termo sujet, que em francês significa “sujeito”, mas também “tema”. Não há outro tema que não o próprio sujeito. O sujeito está em tudo que nos cerca, e cabe ao poeta apontá-lo em sua singularidade, em um dado objeto ou imagem, ou entre determinadas imagens e objetos. Lacan, grande seguidor de Freud, é também herdeiro de Breton ao conceber o sujeito como um entre, e afirmar que o mais íntimo está fora, é êxtimo.

Edu Monteiro brinca com tal proposta lacaniana, utilizando o aparato espéculo-fotográfico concebido e realizado por ele próprio. Em alguns momentos ele mimetiza-se quase inteiramente na paisagem, noutros dela se destaca – em todos os casos seu rosto, coberto pelo espelho, reflete a paisagem que se encontra fora do enquadramento. Dentro e fora conjugam-se então como na fita de Moebius, figura topológica que tanto

encantou artistas brasileiros como Lygia Clark e Hélio Oiticica, entre muitos outros.

O rosto coberto do artista faz dele uma dobra dentro da imagem, um ponto de opacidade, um invisível que no entanto é seu sustentáculo. Ele quer colocar-se naquele ponto que Freud nomeia “umbigo do sonho”: o ponto em que o sonho resiste à interpretação e mergulha no desconhecido. E é deste ponto de impossibilidade que nasce, de fato, toda imagem de *Saturno*.

Fusionando em torno deste centro invisível surgem vestígios que Edu Monteiro recolhe e combina, construindo cenas de uma narrativa inexistente. Na montagem dessas imagens – como nas entrelinhas de um texto –, pulsa uma ficção fragmentária, apenas sugerida, jamais definida como tal. Elementos literários nos dão piscadelas e nos convidam a entrar em histórias há muito esquecidas, mas estranhamente

familiares. O mundo aqui fotografado torna-se difusamente alegórico, confirmando a afirmação de Walter Benjamin de que “a alegoria é o único divertimento, de resto muito intenso, a que o melancólico se permite”.

Tudo que é fotografado mostra-se então diferente de si mesmo e portanto capaz de evocar outra coisa – coisa íntima, mas que só no mundo pode se fazer presente.